

TEMA:

Cáritas em  
Sinodalidade, na luta  
por direitos e justiça  
socioambiental

LEMA:

“Bem aventurados os que têm  
fome e sede de justiça” (Mt 5,6)



# APRESENTAÇÃO

A XXVIII Assembleia da Cáritas Brasileira é um momento significativo para nossa rede, é tempo de reencontro, de fortalecimento de laços, reflexões sobre a nossa missão e de planejamento do futuro da Cáritas no Brasil.

Queremos fortalecer as ações desenvolvidas pela rede Cáritas, como organismo da CNBB, entidade de assistência social na defesa e garantia de direitos e justiça socioambiental, sempre na perspectiva da caridade transformadora.

Até a Assembleia, nós temos a oportunidade de constituir nos nossos territórios espaços de escuta sinodal, onde todas as instâncias da Cáritas têm a oportunidade de serem ouvidas e de vivenciarem o sentimento de pertença, unindo-nos em torno da nossa missão institucional. Do chão que cada um e cada uma pisa, é que firmamos o nosso caminhar.

Assim, nesse contexto de preparação para a Assembleia, apresentamos a toda a Rede o nosso texto base. Um documento construído com muito cuidado pelo Comitê Nacional de Formação, Mística e Espiritualidade que resgata e reúne outros textos que nos guiam na caminhada de Igreja em Saída.

Esperamos que todas e todos tenham a oportunidade de vivenciar conosco a preparação para nossa XXVIII Assembleia da Cáritas Brasileira, trazendo para esse processo a multiplicidade de vozes e mãos, que fazem da Cáritas um reflexo de esperança e solidariedade.

## Comitê Nacional de Formação, Mística e Espiritualidade

### Cáritas Brasileira

CNPJ: 33.654.419/0001-16

E-MAIL: caritas@caritas.org.br

TEL. (61) 3521-0350

SDS - Bloco P - Ed. Venâncio III, Sala 410  
Brasília-DF.

CEP: 70.393-902

### REPRESENTANTE LEGAL

Dom Mário Antônio da Silva (Presidente)

### DIRETORIA NACIONAL

Presidente: Dom Mário Antônio da Silva

Vice-Presidente: Cleusa Alves da Silva

Diretor-tesoureiro: Udelton da Paixão Espírito Santo

Diretora-secretária: Nilza Mar Fernandes

### COORDENAÇÃO COLEGIADA NACIONAL

Carlos Humberto Campos (Diretor Executivo)

Rogério Cunha (Coordenador)

Valquíria Lima (Coordenadora)

### Elaboração do Texto Base:

Comitê Nacional de Formação, Mística e Espiritualidade.

### Conteúdo

**Ver:** Anna Crystina Alvarenga

**Julgar e Agir:** Neuza Mafra

**Revisão:** Patrícia Amorim Teixeira Loureiro

**Diagramação:** Indi Gouveia



## Introdução

# XXVIII ASSEMBLEIA DA CÁRITAS BRASILEIRA

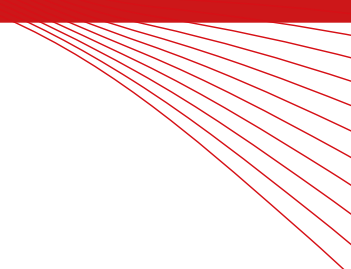
*“É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa. Mas graça das graças é não desistir nunca”,* diria para nós hoje, nosso querido Dom Helder Camara. É com essa resistência profética que a Cáritas Brasileira chega à sua XXVIII Assembleia Nacional.

A XXVIII Assembleia da Cáritas Brasileira, que será realizada de 27 a 30 de novembro de 2023, em Belo Horizonte – MG, constitui-se num forte momento SINODAL, para a qual, somos chamados (as), mais que convidados (as), a “CAMINHAR JUNTOS”, através de um processo de escuta das instâncias que compõe toda a Rede Cáritas.

Escuta, que segundo o Instrumento Laboris, a **Igreja sinodal** como “**uma experiência integral** (...) é “uma Igreja de irmãs e irmãos em Cristo que se escutam uns aos outros e que, ao fazê-lo, são gradualmente transformados pelo Espírito”.

O Tema escolhido para a Assembleia: “**Cáritas em Sinodalidade, na luta por direitos e justiça socioambiental**”, interliga-nos com a Casa Comum e com as milhares de pessoas deixadas às margens do caminho, com fome e sede de justiça. Daí nosso lema: “**Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça**” (Mt 5,6).

Um dos sinais característicos de uma Igreja sinodal, está no reconhecimento da dignidade comum que vem do Batismo, pois cria “uma verdadeira corresponsabilidade entre os seus membros”. E é com esse espírito



de corresponsabilidade, que queremos iniciar nosso processo preparatório à XXVIII Assembleia da Cáritas Brasileira, atendendo aos seguintes OBJETIVOS:

- Constituir-se num espaço de escuta sinodal de todas as instâncias da Rede Cáritas, ajudando-as a resgatar o sentimento de pertença, a partir do itinerário apontado na missão institucional da Cáritas;
- Fortalecer as ações desenvolvidas pela Rede Cáritas, como organismo da CNBB, entidade de assistência social na defesa e garantia de direitos e justiça socioambiental, na perspectiva da transformação social;
- Assumir conjuntamente o “caminhar juntos” da Cáritas em saída para as “periferias” sociais, culturais, existenciais, cientes da missão de “saciar sua fome e sede de justiça”;
- Evidenciar a prática da sinodalidade presente da caminhada da Cáritas, nas suas diferentes ações em defesa da vida;
- Proceder à Eleição da nova Diretoria da Cáritas Brasileira para o quadriênio: 2024-2027, apreciação e aprovação das contas de 2022, aprovação da inclusão de novas entidades membro, aprovação da criação do regional Norte 3, outros assuntos , por deliberação da assembleia.

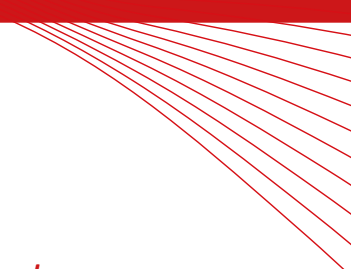
Uma Cáritas em processo sinodal, é uma Cáritas em saída, como nos pede insistentemente, o Papa Francisco: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! [...] Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, 49): **“Saíamos, saíamos para oferecer a todos e todas a vida de Jesus Cristo”!**





**Primeira parte:**

**VER**



*“Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos” (Mt 5,6).*

Estamos diante de uma multiplicidade de crises sem precedentes, crise econômica, social, cultural, política e ambiental. A desigualdade social aprofundou-se nos últimos anos e se reflete na precariedade das condições de trabalho, fome, intolerâncias, doenças, racismo e xenofobia e no mundo, avançam as guerras e as migrações forçadas.

É para essa realidade que o Lema da XXVIII Assembleia da Cáritas Brasileira, **“Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça”** nos convida, pois existem milhares de pessoas aqui e agora, com fome, com sede, ao relento, fora dos seus países de origem, fugidos da miséria, dos desastres ambientais e das guerras. Clamar por justiça e saciar suas necessidades, aqui e agora.

## **1. Crise Política e perda de direitos fundamentais**

A Pandemia de COVID-19 assolou todo o mundo entre 2020 e 2022, desencadeando uma Emergência de Saúde Pública Internacional com medidas políticas equivocadas, impactando, de forma profunda, economicamente e socialmente a sociedade brasileira, principalmente porque ceifou mais de 700 mil vidas no Brasil.

Intimamente relacionado a esse cenário, está a crise política da democracia representativa. O Brasil vivenciou na última década, sobretudo nos últimos quatro anos, um processo de desestruturação das políticas e programas sociais, de seguridade dos direitos humanos e ambientais.

A soma e as inter-relações desses fatores têm consequências desastrosas. A fome é uma realidade, atinge mais de 33 milhões de pessoas no Brasil. “A fome não é simplesmente um problema ocasional, é um fenômeno so-



cial e coletivo, estrutural, produzido e reproduzido no curso ordinário da sociedade (...)” (CF, 2023).

Uma das principais causas da fome é a falta de terra e território para sobrevivência socioeconômica e cultural das camponesas, camponeses, povos e comunidades tradicionais. Além do êxodo rural que provocou e ainda provoca a desestruturação urbana, falta de moradia e miséria. Historicamente, no Brasil, a terra foi distribuída a partir das lógicas econômicas voltadas para a grande produção e para a exportação, o espaço rural foi dividido de maneira diferente e irregular, com o estabelecimento de grandes latifúndios, ou seja, grandes propriedades agrícolas pertencentes a um (a) proprietário (a). Essa distribuição da terra é excludente e causadora de enormes desigualdades socioeconômicas. A política agrícola no Brasil é perversa, destinando enorme incentivo financeiro ao agronegócio exportador, ao mesmo tempo em que trata com descaso, burocratização e cortes a agricultura familiar, que produz mais de 70% do alimento que chega às nossas mesas.

Outro direito fundamental ameaçado é o **Direito Universal ao Meio Ambiente ecologicamente equilibrado**, previsto na constituição brasileira no Art 225. A “Casa Comum”, nossa mãe terra que nos acolhe nos seus braços, está cada vez mais ameaçada. Estamos vivenciando uma crise climática, cujas consequências estão cada dia mais evidentes nas nossas vidas.

## 2. As injustiças Socioambientais para com os povos vulnerabilizados

Ao tratarmos da luta por justiça socioambiental, é importante definir seu conceito: “Justiça socioambiental baseia-se na equidade da distribuição social de acessos ao meio ambiente saudável, seguro e que sustente a continuação da vida individual e coletiva, humana e não humana, visível e não visível no presente e no futuro”. E isso só será possível, através de uma governança com ampla participação social num Estado forte. **São três as dimensões que constituem o conceito de Justiça Socioambiental:**

## **o cuidado com a natureza, o cuidado com a sociedade e o cuidado com as pessoas.**

As catástrofes impulsionadas pelas mudanças climáticas, como as enchentes, inundações e os deslizamentos de terras, ocorridos em 2022 e 2023, nos estados da Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro (Petrópolis), Pernambuco, Alagoas, Maranhão e São Paulo, têm se tornado cada vez mais frequentes. A deterioração da Casa Comum, com o avanço desenfreado dos desmatamentos, incêndios, ocupação dos territórios para implementação de grandes empreendimentos, como os minerários, monoculturas, pecuária, hidrelétricas e parques eólicos, provoca impactos ambientais profundos.

A emergência climática e os impactos consequentes do aumento das temperaturas afetam a produção agrícola, a disponibilidade de água, a biodiversidade, a modificação dos biomas e a aceleração do processo de desertificação.

Em decorrência disso, os desastres ambientais são responsáveis pelo grande número de deslocamentos de pessoas no mundo. “É trágico o aumento de emigrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental” (LS, 25).

A crise ambiental é também uma crise humana (LS, 139). Pode-se, portanto, apresentar um termo que expressa essa relação das diversas crises: racismo ambiental. O racismo ambiental pode ser conceituado como as injustiças sociais e ambientais que impactam mais fortemente grupos étnicos vulnerabilizados e outros grupos discriminados por sua “raça”, origem ou cor, ou seja, pessoas negras, mas também comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e periféricas, entre outras. Conclui-se que as desigualdades socioeconômicas são acentuadas com a crise climática e que são as populações periféricas e vulnerabilizadas, em sua maioria negras e mulheres, que enfrentam as piores consequências dos eventos climáticos




extremos, como chuvas excessivas ou secas severas (Oxfam Brasil).

Vivenciando o cenário no mundo e no Brasil atual, reconhecemos que as perseguições às minorias sociais, permanecem e se aprofundam. É importante reconhecer que as relações humanas e ambientais não andam bem “quando se explodem tantas guerras sem sentido, e a violência fratricida se apodera de todos os espaços”, alertou o Papa Francisco no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares. A vulnerabilidade da vida está intimamente ligada às condições socioeconômicas da população, que ganham ainda mais profundidade diante da crise climática, que vivenciamos nos últimos anos, alarmada e denunciada por vários setores da sociedade, inclusive da Igreja Católica, através das pastorais sociais e organismos, além da Carta Maior, a Laudato Si.

Os seres humanos e a natureza não devem estar a serviço do dinheiro. Digamos não a uma economia de exclusão e desigualdades, onde o dinheiro reina em vez de servir. Esta economia mata. Esta economia exclui. Esta economia destrói a mãe terra, pois “não se pode servir a Deus e ao dinheiro” (CF, 2010).

### **3. Sinais visíveis de que outra sociedade é possível**

Mesmo diante do caos vivido nos últimos anos, é possível encontrar sinais de que a sociedade pode ser diferente. O povo sofrido, traz consigo um forte elemento de resistência, e, que durante a pandemia manifestou-se mais explicitamente, em forma de solidariedade entre os pobres. Não é exagero afirmar, que está solidariedade entre os pobres, as instituições e as comunidades cristãs, foram fundamentais para que muitas pessoas não morressem de fome ou fossem vítimas da violência, sobretudo no período da pandemia. Podemos destacar inúmeros sinais visíveis: a distribuição de toneladas de alimentos pelos agricultores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; o surgimento e o fortalecimento de projetos alternativos de energia, de Agroecologia e sustentabilidade econômica, mostrando que é possível colocar a pessoa em primeiro lugar e não o cres-



cimento econômico; o ressurgimento de movimentos sociais de diversos segmentos da sociedade, organizações populares, coletivos juvenis, movimentos de mulheres, movimentos ambientalistas, antirracistas, articulações em rede, mobilizações de Povos Tradicionais e Povos Indígenas, pessoas e entidades da sociedade civil que se organizam para resistir contra a hegemonia desse modelo de desenvolvimento que gera exclusão social e injustiças socioambientais.

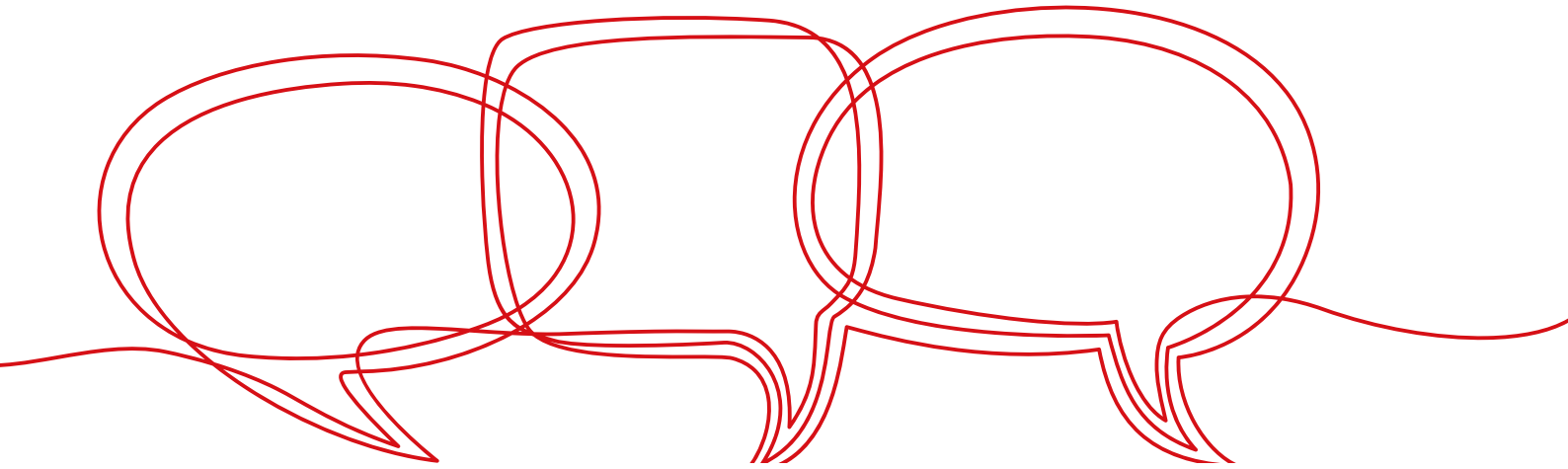
Também é inegável, que vem se fortalecendo iniciativas de denúncias de violações de direitos contra crianças, idosos, mulheres, negros, pessoas em situação de rua, migrantes, pessoas LGBTQIA+ e ações de acolhimento, por parte de pessoas destituídas de poder e com poucos recursos.

O Papa Francisco tem chamado a atenção para questões importantes para a humanidade, que fortalecem as mobilizações para uma agenda social, como a Economia de Francisco e Clara, o cuidado com a Casa Comum, o apoio aos Movimentos Populares na luta por terra, teto e trabalho, a reflexão sobre o verdadeiro sentido da política, a busca do diálogo inter-religioso.

A Cáritas em saída visa contribuir para “a emergência de outro paradigma, outro modelo de organização social: socialmente justa, ambientalmente sustentável; com equidade, sem discriminações ou violências, com liberdade religiosa, em um Estado laico, e com radicalização da democracia participativa. Temos como horizonte a proposta dos povos originários, o Bem-Viver, com a partilha da produção social, sem privatização dos bens da natureza, que busca a vida em harmonia das pessoas com elas mesmas e entre si, com a natureza da qual são parte, e com o sagrado” (Texto Base do 15º Intereclesial das CEBs).

Diante desse cenário de perdas e não garantia de direitos e de injustiças socioambientais, a XXVIII Assembleia Nacional da Cáritas Brasileira nos provoca a refletir sobre esses desafios, através de um caminho sinodal, na luta por direitos e por justiça socioambiental junto aos mais vulneráveis.

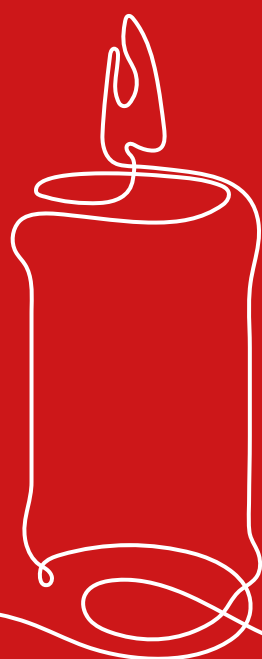




### **Aprofundando nossa Escuta:**

- **Diante do contexto apontado pelo VER, quais os principais clamores na luta por direitos e justiça socioambiental presentes no chão da Cáritas (arqui)diocesana?**
- **Quem são os principais atingidos pelas perdas de direitos e impactados pela crise climática e ambiental?**
- **Que anúncios já são possíveis “escutar” na luta pela garantia dos direitos humanos e da natureza?**





**Segunda parte:**

**JULGAR**

*(iluminar, discernir)*

*“Como, num só corpo, temos muitos membros, cada qual com uma função diferente, assim nós, embora muitos, somos em Cristo um só corpo e, cada um de nós, membros uns dos outros”  
(Rm 12,4-5)*


## 1. Compreendendo o sentido da sinodalidade

A expressão Sinodalidade vem de Sínodo, uma palavra antiga na tradição da Igreja, que era usada para indicar o caminho feito pelo povo de Deus. Assim, desde os primeiros séculos, “sínodo” referia-se à realização das assembleias eclesiais convocadas para discernir questões doutrinárias, litúrgicas, canônicas e pastorais. Prática que o Concílio Vaticano II resgatou, como expressão da “igualdade e dignidade comum diante da diversidade de ministérios, carismas e serviços” na Igreja.

**Sinodalidade significa “caminhar juntos”. É o “modus vivendi et operandi” da Igreja Povo de Deus, que se reconfigura no jeito de viver e conviver de uma comunidade, uma instituição, um grupo com raízes eclesiais, quando reúnem-se em assembleia e contam com a participação ativa de todos (as) os seus membros para levar adiante a missão. A grandeza do “caminhar juntos” está na valorização da diversidade na unidade.**

Na Bíblia, o “Povo de Deus” é o povo escolhido, povo eleito para levar à humanidade as promessas de salvação e felicidade diante de uma realidade de pecado humano, sofrimentos, desigualdades, degradação da natureza, mortes e tantas outras situações, resultantes da injustiça social.

Diante da eclesiologia conciliar do “Povo de Deus”, que promove a prática do “caminhar juntos”, o Papa Francisco insiste na participação ativa de todas as pessoas na Igreja em razão de seu batismo (EG, 102), sobretudo na importante contribuição das mulheres para a comunidade eclesial (EG, 103). Por fim, ele aponta para o potencial evangelizador dos pobres como



protagonistas importantes na sinodalidade da Igreja. Eles são a manifestação de uma vida teologal animada pela ação do Espírito Santo, sendo abordado neste lugar pelo olhar do Bom Pastor (EG 124, 125, 126).

Sob a inspiração das Primeiras Comunidades Cristãs, uma Igreja sinodal, vive a solidariedade na dor e na alegria, na complementaridade das tarefas, na responsabilidade de todos (as) diante dos desafios da realidade. É uma Igreja acolhedora dos diferentes serviços em vista da construção do Corpo de Cristo, que é a Igreja. Uma Igreja na qual todos (as) são chamados a caminhar juntos (as), sob a orientação do Papa Francisco: “Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar é mais do que ouvir. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender”.

Segundo França Miranda, no seu livro Igreja Sinodal, a Sinodalidade enquanto o caminhar juntos da Igreja, foi retomada com mais força pelo Concílio Vaticano II e aponta para algumas **características importantes, no sentido de definir e fortalecer a Igreja povo de Deus: a Colegialidade episcopal, a valorização da Igreja local, o reconhecimento da dignidade e do papel do laicato como sujeitos eclesiais ativos.** É a Igreja em missão, cuja fé está inculturada na realidade; que respeita a liberdade dos cristãos; que promove o diálogo sincero com a sociedade atual, que reconhece a necessidade da maior participação das mulheres na Igreja, bem como, os esforços presentes em outras Igrejas cristãs e mesmo em outras religiões, a Igreja que luta pela justiça e pela paz no mundo.

Para o Papa Francisco, “os elementos fundamentais para uma Igreja Sinodal são: o lugar prioritário do povo de Deus, que deve ser escutado e participar ativamente da vida eclesial; a capacitação para a missão evangelizadora de cada cristão, em função de seu batismo; o respeito à consciência de cada indivíduo na Igreja; a autoridade vista na perspectiva do serviço à comunidade; o respeito às instâncias intermediárias na Igreja; a fidelidade ao Espírito Santo sempre a renovar a caminhada dos fiéis; o importante papel enriquecedor dos pobres para o conjunto da Igreja”.

## 1.1. Dimensões prioritárias da Sinodalidade

A Sinodalidade traz em si, três dimensões prioritárias: Comunhão, Participação e Missão, e estão profundamente inter-relacionadas, pois constituem-se pilares vitais de uma Igreja sinodal que se articulam, se alimentam e se apoiam mutuamente. Entre estas três dimensões, não existe hierarquia. Cada uma com sua força, enriquece e orienta as demais, mantendo uma dinâmica que resulta numa ação conjunta.

- **Comunhão:** A comunhão se dá a partir da unidade em Cristo, a cabeça, que é a pluralidade entre os membros do corpo, e adquire significado: o que enriquece a Igreja superando qualquer tentação de uniformidade. A comunhão que partilhamos encontra suas raízes mais profundas no amor e na unidade da Trindade. É Cristo que nos reconcilia com o Pai e nos une ao Espírito Santo. Juntos (as), somos inspirados pela escuta da Palavra de Deus, para também juntos (as), desempenhar o importante papel no discernimento e na vivência do chamamento que Deus faz ao seu povo. A comunhão suscita-nos a seguinte pergunta: **“Como a Cáritas pode ser mais plenamente sinal e instrumento da união com Deus e da unidade do gênero humano?”**
- **Participação:** Um processo sinodal integral apenas será realizado de forma autêntica se todo o Povo de Deus estiver envolvido nele como sujeitos (as) ativos (as). “A participação fundamenta-se no fato de todas as pessoas fiéis estarem capacitadas e serem chamadas a colocar a serviço uns/umas dos (as) outros (as), os dons que cada um recebeu do Espírito Santo. [...] Na Igreja sinodal, toda a comunidade, na livre e rica diversidade dos seus membros, é convocada para rezar, escutar, analisar, dialogar, discernir e aconselhar na hora de tomar as decisões pastorais mais de acordo com a vontade de Deus”. O chamado é sempre dirigido a todos (as) os (as) que pertencem ao Povo de Deus – leigos (as), consagrados (as) e ministros ordenados – para se empenharem

no exercício de uma escuta profunda e respeitosa. Nessa escuta, que possibilita ouvir o Espírito Santo, é importante fazer um esforço para assegurar a inclusão das pessoas marginalizadas ou que se sentem excluídas, e se perguntar: **“Que processos, estruturas e instituições são necessários numa Cáritas sinodal missionária?”**


○ **Missão:** Missão é, antes de qualquer coisa, ir ao encontro das pessoas na situação em que elas se encontram. Como cristãos (ãs), somos chamados (as) a ser discípulos (as) missionários (as) numa Igreja Sinodal. Assim como a missão da Igreja é evangelizar, a nossa missão é testemunhar o amor de Deus no meio de toda a família humana. A sinodalidade é profundamente missionária. Chamada especialmente a ir ao encontro daqueles (as) que vivem nas periferias espirituais, sociais, econômicas, políticas, geográficas e existenciais do nosso mundo. A missão nos leva à pergunta: **“Como a Cáritas pode partilhar dons e tarefas ao serviço do Evangelho?”**

## 1.2. Desafios para a vivência da sinodalidade

Como dissemos anteriormente, a prática da Sinodalidade, embora não com esse nome, já era vivenciada desde os primeiros tempos da Igreja, sendo depois, resgatada pelo Concílio Vaticano II, com essa terminologia, para bem expressar o sentido de caminhar juntos (as). O Papa Francisco, no esforço de recolocar a Igreja nos caminhos da sinodalidade, pensada a partir da eclesiologia do concílio, recupera a prática do caminhar juntos (as), mas reconhece que se trata de uma tarefa árdua: “Aquilo que o Senhor nos pede, de certo modo está já contido na palavra ‘Sínodo’. Caminhar juntos – leigos, pastores, Bispo de Roma – é um conceito fácil de exprimir em palavras, mas não é assim fácil pô-lo em prática”. Algumas resistências pontuadas pelo Teólogo Padre França Miranda, são motivadas pela aversão a mudanças, medo da perda de poder e prestígio, ceticismo pela complexidade da tarefa, sentimento de insegurança, dentre outros (Igreja Sinodal, pág. 10).

Tanto o Papa Francisco quanto outros teóricos apontam alguns riscos que podem esvaziar ou confundir o sentido da sinodalidade: **a)** transformar





a sinodalidade num “presidencialismo ou parlamentarismo às avessas”, onde tudo é negociado e alinhado a interesses particulares; **b)** Fechamento ao Espírito Santo, onde tudo já está pré-determinado ou só se faz o que está “no planejamento”, fechando-se às urgências e emergências do Reino de Deus.

Há que se considerar ainda, que um grande desafio reside na compreensão do significado da sinodalidade, ora compreendida, como um evento, que logo vai passar, ora compreendida a partir de uma visão extremamente simplista, como um modelo de gestão no qual os membros da Igreja, clérigos e leigos (as), participam como meros colaboradores na tomada de decisões sobre a vida e a missão da igreja. Essa visão passa longe da compreensão do que é designado aos “Sujeitos Eclesiais”. Além de que, para muitos clérigos e leigos (as), o Sínodo veio para contrariar o ensinamento da Igreja.

Isso explica porque problemas antigos na vida da Igreja dificilmente ganham as pautas para suas resoluções, como o reconhecimento e a participação das mulheres nos espaços de decisão, as questões voltadas para as comunidades LGBTQIA+, famílias consideradas em “situação irregular” (divorciados, segunda união...), abusos de autoritarismo por parte de pastores, disputas no campo litúrgico e o clericalismo. Sobre o clericalismo, ao qual o próprio Papa chama de câncer, é importante dar uma atenção especial, pois ele faz morada mais fortemente onde encontram-se as lideranças, os serviços pastorais, as relações dentro de uma comunidade Eclesial, uma instituição. O clericalismo tem dupla face: ele tanto é vivenciado pelos clérigos, como por leigo (as), e é através dessa prática que se mantém o autoritarismo, as exclusões eclesiais, “a mentalidade clerical, separa os fiéis de Deus e prejudica as relações entre os batizados, produzindo rigidez, apego ao poder em sentido legalista e um exercício de autoridade que é mais poder do que serviço” (p. 30).

Para melhor compreender a Sinodalidade, um caminho nos parece favorável: a carta de São Paulo aos Coríntios – (I Cor 12, 12-14; 18-27). Nela Paulo compara a Igreja a um corpo, dizendo que o corpo, embora tenha muitos membros diferentes, é um só e todos bebem de um único Espírito.

Ele deixa claro que todos os membros são ativos nas comunidades cristãs. Na expressão “Corpo de Cristo”, todos os membros são necessários em vista da missão ( I Cor 12,12-30), de modo que nenhum de seus membros é maior ou inferior ao outro.

## 2. Sinodalidade no jeito Cáritas de ser

A missão da Cáritas: “Testemunhar e anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, defendendo e promovendo toda forma de vida e participando da construção solidária da sociedade do Bem Viver, sinal do Reino de Deus, junto com as pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social”, já traz no seu bojo a essência da sinodalidade. Neste sentido, **missão e sinodalidade são inseparáveis, o que dá significado ao “caminhar juntos”**, como Povo de Deus, numa diversidade de serviços e carismas para juntos discernir os caminhos por onde se deve andar. **A sinodalidade está a serviço da missão. Cáritas é um caminhar juntos (as)!**

Tão logo assumiu seu pontificado, o Papa Francisco dirigiu-se à Cáritas identificando-a como *“A carícia da Igreja ao seu povo, o carinho da Mãe Igreja aos seus filhos, a ternura e a proximidade. (...) A Caritas é o amor da Mãe Igreja, que se aproxima, acaricia e ama.”*

Inserida no coração da Igreja, a Cáritas também é convidada a vivenciar sua prática sinodal, assumindo para si, a responsabilidade com o cuidado da vida em todas as suas dimensões, mas sobretudo, onde ela estiver ameaçada.

Durante seu discurso na recente Assembleia da Cáritas Internacionalis, em Roma, o secretário geral da Secretaria do Sínodo dos Bispos, cardeal Mario Grech, eleito o seu novo presidente, disse que: *“A Caritas pode oferecer uma grande contribuição ao caminho sinodal da Igreja pelo simples fato de que a prática sinodal está intimamente ligada às raízes cristológicas da caridade cristã e, portanto, é intrínseca à identidade distintiva da Caritas”*. E a desafia diante de sua missão: *“O compromisso da Caritas com*

*os últimos e sua proximidade concreta a ponto de tocar a carne ferida daqueles que são marginalizados e descartados pela sociedade de consumo, é um aspecto crucial para a realização de um caminho sinodal autêntico de conversão da Igreja”.*

Na sua longa caminhada, a opção preferencial pelos pobres, tem sido para a Cáritas, a sua vocação cristã essencial, como parte constitutiva da Instituição, enquanto uma organização humanitária da Igreja. Opção que se transforma num imperativo ético-social fundamentado no imenso amor de Deus pela humanidade. Daí, a espiritualidade da Cáritas ser uma espiritualidade da ternura, do encontro, da escuta e da acolhida. Uma espiritualidade libertadora.

### **3. Uma Cáritas Sinodal, tem fome e sede de justiça**

A Fome e sede são necessidades básicas da vida, e a vida só pode ser mantida, quando essa necessidade é saciada. A Bíblia nos apresenta muitas expressões e realidades que revelam a experiência da fome e da sede: “Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Sl 41,3). “Minha alma está sedenta de vós e minha carne por vós anseia como a terra árida e sequiosa, sem água” (Sl 62,2). “Virão dias em que enviarei fome sobre a terra, não uma fome de pão, nem uma sede de água, mas de ouvir a palavra do Senhor” (Am 8,11). “Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede” (Jo 6,35). “Os eleitos já não terão fome, nem sede” (Ap 7,15).

Fome e sede aqui vêm acompanhadas pela Justiça, palavra fundamental nas bem-aventuranças e no Evangelho de Mateus e aparece como a primeira exigência do amor: a medida mínima da caridade, segundo Paulo VI. Sem a justiça, não é possível uma relação de amor e toda e qualquer ação, perde sua credibilidade. Para uma melhor compreensão da justiça do Reino, um exemplo é o de Zaqueu, que se coloca diante do Senhor e lhe diz: “Senhor vou dar a metade dos meus bens aos pobres e, se tiver defraudado alguém, restituirei o quádruplo. Disse-lhe Jesus: Hoje entrou



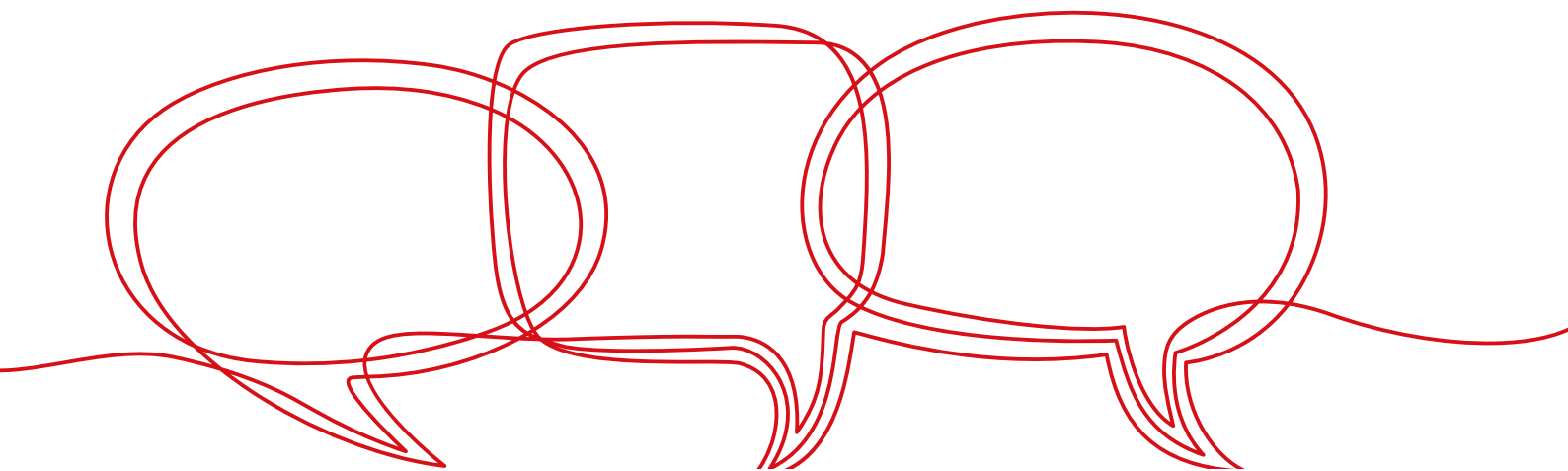
a salvação nesta casa” (Lc 19,8-9).

Justiça significa ter justa relação com Deus, com o (a) próximo (a) e consigo mesmo. Ser justo (a) é deixar-se configurar a Cristo, inserir-se no processo de humanização de suas relações, desejar e construir uma sociedade justa e fraterna. Essa bem-aventurança fundamenta-se no Salmo 37,11, ao mencionar as pessoas humildes, desapropriadas de suas terras. Por isso, podemos traduzir por felizes os (as) oprimidos (as), os (as) fracos (as), os (as) que se encontram em condições lastimáveis e percebem, pelo anúncio de Jesus, que é possível restituir a dignidade e contar com a partilha, na qual todos terão o necessário para sobreviver.

As pessoas que têm fome e sede de justiça são aquelas que optaram por viver a justiça de tal forma, que ela perpassa seu modo de ser, de pensar, de agir, pois desejam e anseiam a justiça plena do Reino de Deus. Desejam renovar a convivência humana, para que ela esteja novamente de acordo com as exigências da justiça. Assim, a busca por justiça torna-se uma necessidade.

As bem aventuranças se apresentam como um caminho seguro para a santidade, para a qual todas as pessoas são convidadas. Elas constituem-se em provocações para uma ação comprometida junto as pessoas que sofrem. Chamar de “bem aventurados os que têm fome e sede de justiça”, não é dizer “sim” à pobreza e ao sofrimento humano, mas dizer “não” às situações de injustiça, para que os (as) pobres possam esperar, ter confiança, ainda aqui e agora. Pois para Jesus de Nazaré, seu projeto do Reino é para esta vida, que é eterna.

Bem aventuradas são pessoas misericordiosas, porque têm o coração na miséria humana, entram no coração dos outros para eliminar as desigualdades entre os irmãos e irmãs, buscam reconstruir o relacionamento entre as pessoas através da prática da justiça e da solidariedade. O que as alimenta é a justiça, que mantém viva a esperança de ver os (as) pobres herdando a nova sociedade, a vida plena em conformidade ao Reino de Deus.



### **Aprofundando nossa Escuta:**

- **Quais sinais de sinodalidade são visíveis na Cáritas?**
- **Como se dá o caminhar juntos na Cáritas?**
- **O que compreendemos por Sinodalidade e como temos vivido a sinodalidade na Cáritas (arqui)diocesana, na Entidade Membro, nas Diretorias, Conselhos?**
- **A partir do processo sinodal vivenciado em âmbito de Cáritas (arqui)diocesana, na Entidade Membro, nas Diretorias, Conselhos... que aprendizados devemos incorporar em nossas práticas cotidianas para que possamos cada vez mais caminhar juntos (as), em rede?**





**Terceira parte:**

**AGIR**


*“Há diversidade de carismas, mas o Espírito é o mesmo;  
há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo;  
há diversidade de atividades, mas é o mesmo  
Deus que realiza tudo em todos.  
A cada um é dada a manifestação  
do Espírito para o bem comum.”  
(1Cor 12,4-7)*

## 1. Cáritas em saída solidária

Para compreendermos o sentido da Cáritas em saída, precisamos antes, entender o significado do verbo sair. Ele evoca o caminhar, ir em busca, deixar, estar no limite, na margem. É sempre um partir de onde se está, que na maioria das vezes, é resultado de um grito, uma situação, uma realidade. Sair é uma provocação de “não”, dizer não a uma realidade, para uma provocação de “sim”, que pede um recomeço.

No Antigo e no Novo Testamento muitos homens e mulheres, profetas e profetizas, discípulos e discípulas, precisaram sair de suas realidades, de seus confortos, de suas estruturas e paradigmas em vista da defesa do seu povo. Não foi diferente com Jesus. Ele precisou romper completamente com as estruturas de seu tempo ao anunciar o reino de Deus, reino de paz e justiça. A prática de Jesus foi um constante deslocar-se provocado pela realidade. Toda a sua vida é colocar-se à margem, não nas estruturas. Ele pensa e age a partir da margem.

Pensar a Cáritas em saída, é tomar a iniciativa de ir ao encontro dos afastados (as), de chegar às encruzilhadas para convidar os (as) excluídos (as) (cf. EG 24), sem medo de enfrentar os cenários e os desafios próprios da missão. Sair aqui, é fazer a passagem da autorreferencialidade, da centralidade em si mesma, para a alteridade, porque “quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem” (EG 9).



O desafio da missão exige uma “saída” missionária. Isso é, sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do evangelho (cf. EG 20). É um convite a uma “nova práxis” eclesial, que segundo o Papa Francisco, “não se pode deixar as coisas como estão. Não nos serve uma ‘simples administração’” (EG 25).

Vivemos um tempo marcadamente envolto em crueldades, violências, perdas de direitos e do sentido da vida, ausência de dignidade, crescente desigualdade, presença do pecado, dores, fome, ódio, intolerância, desesperança... São realidades que afetam profundamente o Projeto de Deus descrito na Sagrada Escritura. Diante dessa realidade desafiadora, o profeta Isaias 30,21 certamente diria: *“O caminho é este, é por aqui que vocês devem seguir”*. Essa é a saída... Também o Papa na sua sensibilidade profética, aponta para a mesma direção do Projeto de Deus e o atualiza para nosso tempo, *“O caminho é este”*: as periferias existenciais, culturais, sociais... *“É por aqui que devemos seguir”*.

Diante deste cenário é importante fazer um destaque para uma prática que está no DNA da Cáritas, que é a solidariedade. Mesmo durante a pandemia, enfrentando resistências e correndo riscos, a Cáritas em todos os territórios, continuou mobilizando a solidariedade para saciar a fome e a sede de muitas pessoas: *“A solidariedade saiu pelas ruas, subiu as montanhas, foi levar o seu pão...”*. Além das muitas ações, lembramos a ação *“É Tempo de Cuidar”*.

A Ação Solidária Emergencial **“É Tempo de Cuidar”**, criada numa iniciativa conjunta entre CNBB, Cáritas Brasileira e Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), teve a nobre intencionalidade de atenuar o impacto causado pela insegurança alimentar e pela fome entre a população brasileira, agravadas pela continuidade das medidas restritivas de enfrentamento à pandemia. Apresentou números significativos em seu primeiro ano de existência. Ela desdobrou-se em duas fases, sendo a Cáritas Brasileira responsável pela coordenação da sistematização dos dados, que só na segunda fase apontaram para um alcance de mais de 1 milhão de pessoas






beneficiadas, R\$ 4,5 milhões em recursos financeiros arrecadados e cerca de R\$ 5,9 milhões de quilos de alimentos distribuídos. Em torno de 713 mil refeições foram distribuídas para as populações em situação de vulnerabilidade, e distribuídas 675 mil peças de roupas e calçados, além de 405 mil kits de higiene pessoal e 409 mil equipamentos de proteção individual.

A busca por uma Cáritas mais autêntica, passa necessariamente pela saída para as periferias. Isso exige deixar-se tocar pelo espírito fraterno que fortalece a comunhão, a participação, a missão, a partilha, o sentido de pertença para alimentar a consciência da corresponsabilidade cristã: *“Somos muitos, mas formamos um só corpo”* (Rm12,4-5), e assim discernir juntos (as) a busca por respostas para os desafios do mundo atual. Por isso, é preciso deixar-se guiar pelo Espírito Santo que fala através da comunidade: *“O Espírito do Senhor está sobre mim”* (Lc 4,18).

Tomemos para nós as palavras de encorajamento do Papa, no final do discurso proferido aos bispos da conferência de Moçambique em 2015, quando os convidou a partirem para as periferias existenciais e os encorajou dizendo: *“Quando tivermos de partir para uma periferia extrema, talvez nos assalte o medo; mas não há motivo! Na realidade, Jesus já está lá; Ele espera-nos no coração daquele irmão, na sua carne ferida, na sua vida oprimida, na sua alma sem fé. Jesus está lá naquele irmão. Ele sempre nos precede; sigamo-Lo! Tenhamos a audácia de abrir estradas novas para o anúncio do Evangelho”*. **Então, vamos sair!**

### 1.1. Cáritas em saída, na luta por direitos e justiça socioambiental

*“Tudo está interligado, como se fôssemos um. Tudo está interligado, nesta Casa Comum”*. Esse refrão que embalou o Sínodo da Amazônia é a resposta mais concreta para nosso compromisso social com a ecologia integral, tão reclamada pelo Papa Francisco em seus discursos e na Encíclica por ele escrita, Laudato Si. Somos parte da Casa Comum. Ou cuidamos da nossa Casa ou a deixamos morrer e morreremos juntos (as).



A **Conferência de Aparecida** trouxe-nos uma maior consciência sobre a realidade da América Latina como a região com “uma das maiores biodiversidades do planeta” (DAp 83). A natureza é uma “herança gratuita” (DAp 471) por isso somos chamados a cuidar dela com senso de gratidão e responsabilidade. Ao mesmo tempo, a Conferência de Aparecida fez sérias denúncias acerca da realidade ambiental: a depredação das terras; as “águas sendo tratadas como se fossem mercadoria negociável pelas empresas” (cf. DAp 84); o derretimento progressivo das geleiras da Antártica e em diferentes partes do mundo, incluindo a América Latina. Aqui, a Conferência fez um alerta para as consequências desastrosas da mudança climática (cf. DAp 87); a exploração desenfreada das riquezas naturais que deixa “um rastro [...] de morte por toda a nossa região” (DAp 473); e ainda, que “nas decisões sobre as riquezas da biodiversidade e da natureza, as populações tradicionais têm sido praticamente excluídas” (DAp 84), sendo que as mais vulneráveis, são as mais “ameaçadas pelo desenvolvimento predatório” (DAp 474).

Na sua Encíclica ‘Laudato Si’, o Papa Francisco afirma que: *“A contínua aceleração das mudanças na humanidade e no planeta junta-se, hoje, à intensificação dos ritmos de vida e trabalho”* (n. 18). A preocupação em produzir mais e mais e produzir o mais rápido possível intensificando o ritmo de produção sem medir suas consequências, o trabalho por metas, a terceirização e a precarização das condições de trabalho, estão desumanizando milhões de pessoas e aumentando o número de adoecimento.

Outra situação emergencial apontada no documento do Papa é a *“poluição que afeta a todos, causada pelo transporte, pela fumaça das indústrias, pelas descargas de substâncias que contribuem para a acidificação do solo e da água, pelos fertilizantes, inseticidas, fungicidas, pesticidas e agrotóxicos em geral”*. Lembra ainda a Laudato Si, que *“A tecnologia, ligada à finança, é incapaz de ver o mistério das múltiplas reações que existem entre as coisas e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros”* (Laudato Si’, n. 20).

A saída para este caos ambiental, segundo Francisco, é superar a cultu-



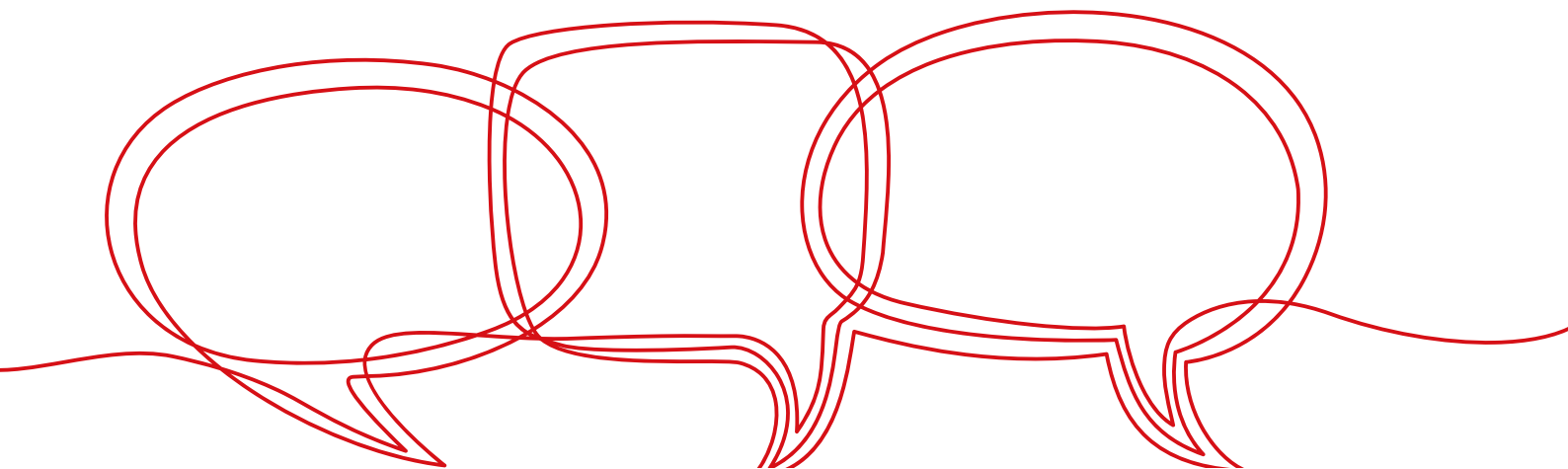
ra do descartável, construindo uma sociedade sustentável: *“Ainda não se conseguiu adotar um modelo circular de produção que assegure recursos para todos/as e para as gerações futuras e que exige limitar, o mais possível, o uso dos bens não renováveis”* (Laudato Si n. 22).

Nesta perspectiva, o conjunto da Rede Cáritas no Brasil vem atuando junto às comunidades tradicionais, quilombolas, povos indígenas, populações ribeirinhas, fundo e fecho de pasto, assentamentos e populações urbanas, principalmente periféricas, para a promoção do Bem Viver a partir dos princípios antirracistas e de equidade de gênero, fortalecendo a convivência com os biomas, a economia popular solidária e a produção agroecológica, pautada na preservação da sociobiodiversidade e na diversidade cultural dos nossos povos.

## 2. Espaços sinodais da Cáritas

Segundo o Concílio Vaticano II, o espírito que perpassa a sinodalidade, é o da “participação”, que não se encerra nas celebrações (SC 14-20), mas em diferentes espaços, como na sociedade, (*Gaudium et Spes*), na missão da Igreja (*Lumen Gentium*). Supõe-se uma participação ativa e comprometida de todo o povo de Deus, uma vez que “todos são corresponsáveis pela vida e missão da comunidade e chamados a operar segundo a lei da mútua solidariedade no respeito dos específicos ministérios e carismas” (I Cor 15,45). Ainda segundo o teólogo França Miranda, “[...] o Espírito quis reunir todos os povos, de variadas línguas e culturas, para empoderá-los na missão libertadora e santificadora por todo o universo” (Miranda, 2018).

A Cáritas com sua caminhada histórica *“oferece particular inspiração ao processo sinodal, o da colaboração entre seus membros”*, segundo o Cardeal Grech. Neste sentido, ao destacarmos os espaços sinodais da Cáritas: Entidades Membro, Diretorias, Conselhos, Regionais, Interregionais, Colegiadas, Áreas de Atuação, Espaços de Gestão, somos convidados (as) a voltar o olhar para esses referidos espaços e neles perceber como se dá o caminhar juntos (as). **Lembrando que uma forte característica da sinodalidade, é a escuta.**



### **Aprofundando nossa Escuta:**

- **Em cada espaço sinodal da Cáritas (EM, Diretorias, Conselhos...), perguntar:**
  - **Como se dá a escuta nestas instâncias sinodais?**
  - **Como se toma decisões nestas instâncias?**
  - **Como promovemos a comunhão, a participação e a missão?**
- **Qual é o agir da Cáritas em sinodalidade na luta por direitos e justiça socioambiental?**
- **Para quais “periferias” somos chamado/as a sair?**
- **Que compromissos podemos assumir na entidade membro para essa vivência sinodal?**



## Referências

Concílio Vaticano II, Constituição Pastoral da Igreja no Mundo Atual: Gaudium et Spes.

FRANCISCO, Encíclica Laudato Si, 2015.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. (2008), Campanha da Fraternidade 2023: Edições CNBB.

CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. Brasília-DF/Rio de Janeiro: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

MIRANDA, M. de F. Igreja sinodal. São Paulo: Paulinas, 2018.



**CÁRITAS**  
**BRASILEIRA**